

A TIPOLOGIA DO VIAJANTE OSWALD DE ANDRADE EM 1912.

Benilton CRUZ*

- **RESUMO:** O texto a seguir pretende construir uma tipologia do viajante Oswald de Andrade na sua primeira viagem à Europa, em 1912. Verificaremos, no então jornalista, o perfil de alguém compreendendo as transformações econômicas e estéticas percebidas em trânsito entre o Novo e o Velho Mundo. Queremos tirar proveito de uma experiência significativa do jovem Oswald e o que isso acarretou, mais tarde, em sua poesia e nos romances, o *Serafim Ponte Grande* e o *Memórias Sentimentais de João Miramar*. O que ficou daquela viagem feita a bordo do navio “Martha Washington”? Questionaremos, ao final, as viagens transoceânicas como importante contribuição ao diálogo entre culturas de países distantes, como o Brasil, a França e a Alemanha – diálogo entre as literaturas, através de viagens mais atraentes, confortáveis e seguras. Para os estudos literários e culturais, estas viagens servirão como ponto de discussão acerca do Modernismo como uma real travessia e busca pelo novo.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Oswald de Andrade. Modernismo. Literatura Brasileira. Estudos Culturais.

Introdução

Não há Modernidade sem o trânsito de seus principais agentes na transformação do mundo moderno. O Modernismo não foi a pé às grandes cidades. Com certeza, ele andou de automóvel ou de bonde e embarcou em algum navio a vapor, e se fez em torno desse contato. A obra de Oswald de Andrade está recheada de imagens em torno do ir e vir de personagens cruzando o oceano Atlântico. Portos, despedidas, cais, navios, alfândegas, dentre outras palavras, marcam a escritura dos romances *Serafim Ponte Grande* e *Memórias Sentimentais de João Miramar* (ANDRADE, 1978).

O Oswald viajante, navegando em busca do moderno, é algo que está entre uma ponte: a que começa em 1912 e termina com a sua obra literária marcada por um “estilo de viajante”. Afinal, como seria o perfil do jovem paulistano: turista cultural?

* UFPA – Universidade Federal do Pará, Abaetetuba, PA – Brasil. 68440-000 – bencruz@ufpa.com.br

Artigo recebido em 10/08/2012 e aprovado em 22/04/2013

Um simples turista? Um *flâneur* quando o assunto é Paris sob a interessante reflexão de Walter Benjamin (1999, p.263) ao afirmar que “o *flâneur* é criação de Paris”, por ser a capital francesa a “terra prometida dos flâneurs”?

Vamos estruturar nossa investigação em cima de duas biografias de Oswald: Maria Augusta Fonseca (1990) e Maria Eugênia Boaventura (1995) para construirmos a tipologia do nosso jovem viajante. Outras referências servirão de apoio, na tentativa de enxergarmos algo de uma “zona de contato”, em conformidade com Pratt (1999). O que seria interessante para entendermos as raízes do Modernismo se configurando na de Oswald de Andrade.

Pratt (1999) revê a transculturação entre países, sob uma postura crítica diante das ideologias imperialistas. Ela avalia a literatura como diálogos menos ideológicos e como espaço possível de contornar supremacias. Para nós, o mais importante será delimitar as faixas de “contato” do largo “diálogo atlântico” como traços bem visíveis na escrita de Oswald de Andrade.

O “Estilo de Viajante”.

A cidade de São Paulo tem no porto de Santos o seu cais. A maior cidade litorânea do Estado de São Paulo fica a 72 km da capital. E é de lá que aventura modernista rumo ao Atlântico. A literatura de Oswald de Andrade está salpicada de mar e isso se deve a vivência moderna do poeta. O trânsito oceânico instigou a escrita oswaldiana a realçar imagens marítimas, mesclando um imaginário urbano como modelo.

Oswald de Andrade trabalha, em dois de seus mais importantes livros, o tema da viagem transatlântica. Antônio Cândido (1995), em *Oswald viajante*, destaca o assunto relacionado ao mar tanto na vida quanto na obra do poeta. E, recordando sobre os romances *João Miramar* e *Serafim Ponte Grande*, afirma que:

[...] estilo, no que tem de genuíno, é o movimento constante: rotação das palavras sobre elas mesmas; translação à volta da poesia, pela solda entre fantasia e realidade, graças a uma sintaxe admiravelmente livre e construtiva. Estilo de viajante, impaciente em face das empresas demoradas; grande criador quando conforma o tema às iluminações breves do que ele próprio chamou o seu “estilo telegráfico”. (CÂNDIDO, 1995, p.63).

A expressão “estilo de viajante” é uma das mais conhecidas das inúmeras características da literatura de Oswald. Cândido (1995, p.64) falará em uma “[...] utopia da viagem permanente redentora, pela busca da plenitude através da

mobilidade”. O sentir-se em movimento assume, portanto, uma condição vital em sua poética, a ponto de ser visível uma “estética transitiva do viajante” (CÂNDIDO, 1995, p.64), como se na verdade, seus livros se passassem “[...] a bordo de *El Durasno*, que navega como um fantasma solto, evitando desembarques na terra firme da tradição” (CÂNDIDO, 1995, p.65).

Parece que há algo disso, atravessando a luta estética de Oswald em toda a sua vida entre o poeta e o escritor: especificamente, o seu furor modernista diante da tradição, sendo esta entendida como algo fixo. E até parece que o ensaio de Cândido fora contagiado pelo estilo telegráfico de Oswald, porque só tem, infelizmente, cinco páginas, embora possuindo imagens à altura do poeta modernista, é conciso, de uma assombrosa percepção analítica.

Oswald vivia sua juventude no despontar da era dos transatlânticos como se pode ver no ano de sua primeira viagem à Europa. Era o ano de 1912, o da tragédia com o *Titanic*, naquela noite de 14 de abril, dois meses após o poeta ter deixado o porto de Santos a bordo do *Martha Washington*. Os ricos paulistanos começavam a usufruir da regalia das viagens nesses navios confortáveis, seguros e mais velozes.

A tipologia

A tipologia pertence à ciência da classificação, a taxionomia, que é o estudo das características da diferenças entre objetos e seres vivos de toda espécie, inclusive a espécie humana. Em nosso trabalho, buscamos características do viajante brasileiro em Paris. Evitaremos uma aproximação real da tipologia com a taxonomia ou com a sociologia por entender que a tipologia, segundo o conceito que utilizaremos, afigura-se como “abstrata” e “com referente empírico”. Ou seja, temos a consciência que a tipologia trabalha com elementos pouco concretos, “encobertos”, depositados em pistas deixadas nas biografias do poeta.

Assim, partiremos também por uma tipologia literária, primeiro da sua biografia, e, segundo, por imagens de viagens extraídas do par de romances *Memórias Sentimentais de João Miramar*, de 1924, e *Serafim Ponte Grande*, de 1933.

Uma tipologia é uma categoria abstrata com referente empírico. Pode definir-se também como uma classificação multidimensional que se cria ao combinar todas as categorias de duas ou mais variáveis. (GINER; ESPINOSA; TORRES, 1998, p.787, tradução nossa)¹.

¹ “Una tipologia es una categoría abstracta con referente empírico. Puede definirse también como una clasificación multidimensional que se crea al combinar todas las categorías de dos o más variables”.

As duas “variáveis” para a tipologia do viajante Oswald de Andrade serão extraídas de duas biografias do poeta. Maria Augusta Fonseca (1990) escreveu *Oswald de Andrade*, por exemplo, biografia que se preocupa com os detalhes da vida. Nesta obra, perceberemos que um dos comportamentos do viajante em sua primeira viagem à Europa era a de um jovem “emocionado” devido “[...] à primeira longa separação dos pais [...] principalmente por causa da mãe (FONSECA, 1990, p.55)”. Com vinte e dois anos de idade, e como filho único, partia o jovem para uma viagem a qual se mostraria também como uma espécie de ritual de passagem para uma idade madura, ao estilo da *gran tour* das ricas famílias européias.

As duas biografias de Oswald de Andrade, às vezes, divergem, entretanto, quanto ao seu comportamento nesta primeira viagem. Sobre a sua juventude, uma biografia fala em um “sedutor” (FONSECA, 1990) e outra fala em um “acanhado” (BOAVENTURA, 1995). Pela perspectiva da primeira biografia, o “[...] viajante gorducho, José Oswald de Sousa Andrade, solteiro, 22 anos, olhos azuis, cabelos castanhos, 1,64 m, filho mimado de Dona Inês. O jornalista custeava a viagem de dois acompanhantes: o jornalista Renato Lopes e um primo, Rogério” (FONSECA, 1990, p.56). A descrição reforça a imagem de riqueza da família a ponto de custear a viagem de mais duas pessoas como “companhias” ao escritor.

Pela perspectiva da segunda biografia, o nome de Oswald surge descrito como o “sem desembarço, tímido, retraído”. O jovem viajante aparece controlado pelas recomendações também da mãe. O importante é essa dualidade constrativa: de um lado “sedutor” (FONSECA, 1990) e de outro “acanhado” (BOAVENTURA, 1995).

O sedutor seria por conta do caso donjuanesco em torno da pequena dançarina de onze anos de idade, Landa Kosbach (nome artístico para Carmen Lídia), que viajava pretendendo uma vaga no Scala de Milão. Outro nítido perfil é o do jovem fioso e farrista, pois basta lembrar do fato de que ao desembarcarem, na Itália, comemoram com muito vinho. Pouco depois, arranja uma namorada de nome Madaleine, e conhece, mais tarde, Henriette Denise Boufflers, a quem chama de Kamiá. Com esta última partilhará uma viagem pela Bélgica, Alemanha, Inglaterra e Espanha. Oswald nunca estará só em suas viagens.

Outro perfil que poderíamos levantar a partir da biografia de Fonseca (1990, p.56) refere-se ao “desejo de aventura, o contato com a civilização européia”, ou seja, como um incremento ou a de uma justificativa, ou mesmo condição para um jovem paulistano endinheirado galgar o espaço que lhe espera na sociedade cafeeira do início do século XX: o de conduzir, tocar adiante os negócios do pai.

Portanto, essa viagem aparece como um fator preponderante no amadurecimento do jovem Oswald como, prioritariamente, um futuro homem de negócios. Isso era algo comum desde nosso período colonial, quando os ricos fazendeiros portugueses mandavam seus filhos estudarem em Coimbra. A “cena” colonial se repete só que agora, Paris vai ser o destino de formação, cultura e reconhecimento.

Seu aspecto físico também muda: deixa crescer a barba. A mãe pede, através de cartas, para que ele tire um retrato a fim de “fiscalizar” sua fisionomia, achando que o filho seria um canhestro “caipira” justamente o que em hipótese alguma a mãe, Dona Inez, deseja para o filho. Diante dessa atitude, o que faz Oswald optar pelo uso de bigodes? Seria já influência do “Velho Mundo” e da sua sisudez, e da atitude reservada?

Uma síntese do roteiro feito por Oswald nessa primeira viagem nos dá Boaventura (1995, p.32-33)

Nos sete meses passados fora do Brasil, em 1912, visitou vários países da Europa Ocidental. Demorou-se mais em Paris e em Londres.[...] O Martha Washington deixou Oswald em Nápoles, que, imediatamente, tomou o trem para Roma, a fim de encontrar Oswaldo Pinheiro [...] Depois voltou, acompanhado de amigos brasileiros e do pintor, para uma visita mais demorada. De início instalaram-se no centro popular de Nápoles, Santa Therezella degli Spagnuoli. Com medo de assalto resolveram buscar refúgio na Via Caracciolo. Viajou pela Itália, visitando Florença, Milão, Veneza (instalou-se no Hotel Capello Nero) e Roma. Em Londres [...] morou próximo ao Hyde Park na Albany Street 46 e Fourth Street 64. Na Alemanha conheceu as principais cidades, permanecendo mais tempo em Munique, hospedado em frente à gare, no Hotel Metrópole.

Em Paris [...] alojou-se na rua Jean-Jacques Rousseau, Hotel de Russie, um velho sobrado de três janelas [...]. Mudou-se depois para um antigo hotel na rue de Mathurins. [E] [...] alugou, perto do Jardin du Luxemburg, um apartamento escuro de segundo andar no nº 9, rue Vauvin.

As mudanças de domicílio feitas provam que Oswald priorizara uma boa localização e um melhor aproveitamento da cidade, que, depois de São Paulo, era a sua cidade preferida. Primeiro foi um hotel com características mais modernas, depois um antigo hotel, e por fim um apartamento, este último daria uma idéia de estada mais prolongada. Pelo roteiro acima, podemos abstrair que Oswald não seria um turista qualquer. O conceito de turismo esbarra na noção de encontro breve, instrumental e limitado entre estrangeiros:

Turismo é caracterizado através de encontros entre estrangeiros que não esperam uma relação longa e duradoura, e de quem as transações tendem a ser instrumental, limitadas em seus objetivos, não repetidas, e, conseqüentemente, abertas a tentativas mútuas de manipulações para ganhos a curto prazo (VAN DEN BERGHE, 2002, p.551-552, tradução nossa)².

² “*Tourism is characterized by encounters between foreigners who do not expect a long and lasting, and whose transactions tend to be instrumental, limited in their goals, not repeated, and therefore open to manipulation attempts mutual for short term gains*”.

Para o sociólogo, autor da citação acima, da palavra “turismo” pode ser resumida na noção de simples viagem prazerosa, a que releva as relações sociais implícitas em um nomadismo temporário. Os pontos destacados dessa experiência são as diferenças culturais, linguísticas, religiosas e sociais entre turistas e nativos, assim como o problema “truncado” da comunicação, a segregação espacial entre o viajante e habitante local (o nativo) e a autenticidade da experiência do próprio turista.

Por essa definição, a experiência de Oswald na Europa não teria sido a de um turista devido ao tempo prolongado da viagem (a estada durara sete meses). O termo mais ajustado seria o de “turista cultural” que é “uma atividade voltada fundamentalmente para os modos culturais geralmente ditos ‘de elite’” (COELHO, 2005, p.359). O jornalista de *O Pirralho* seria esse turista cultural, esbanjando vitalidade e acenando com o toque de um *flâneur* à moda brasileira, por estar sempre acompanhado, porém sem deixar de perceber a cidade como um foco da linguagem da Modernidade acontecendo por toda parte.

O *flâneur* é a criação de Paris. O maravilhoso disso é que não foi Roma. Mas talvez em Roma que sonha até mesmo é forçado a remover ruas que também são bem-pavimentadas. Para isto não são os estrangeiros mas eles mesmos, os parisienses que fizeram Paris a Terra Prometida de *flâneurs*. (BENJAMIN, 1999, p.265, tradução nossa)³.

Segundo White (2001), a figura do *flâneur* seria a daquele que caminha sozinho observando cada detalhe dos paradoxos de Paris, sem ser notado, sem se inserir na paisagem. Esta noção não deixa de ser uma leitura de Walter Benjamin (1999) que afirmava ser Paris um mundo feito para ser visto pelo caminhante solitário, este a quem pode, a passo ocioso, aprender toda a magnitude de seus ricos detalhes, mesmo quando esses detalhes aparecem velados.

Oswald não seria nunca um *flâneur* tipicamente benjaminiano. Não há um observador solitário, e sim um turista cultural em torno da primeira viagem de Oswald à Europa. Mas, qual seria uma imagem clara de Oswald de Andrade nessa sua estada no velho Mundo. Diz Fonseca (1990, p. 58-59) “O custeio de viagem pelos pais é pródigo e ele esbanja, empresta dinheiro [...] se pega desprevenido com atraso das remessas. É o que acontece na Inglaterra”. A extravagância contraria a solidão.

A tipologia do viajante Oswald de Andrade na sua primeira viagem à Europa, em 1912, poderia ser assim sintetizada:

³ “The *flâneur* is the creation of Paris. The wonder is that it was not Rome. But perhaps in Rome even dreaming is forced to move along streets that are too well-paved. For it is not the foreigners but they themselves, the Parisians, who made Paris into the Promised Land of *flâneurs*”.

Fonseca (1990)	Boaventura (1995)
Emocionado	Acanhado
Sedutor	Ingênuo
Solteiro	Saudoso dos pais
Viajante gorducho	Emancipado (familiar e sexualmente)
Farrista	Inovador
Desejoso de aventura	
Caipira	

A primeira biógrafa enfatiza o lado burguês de Oswald: o emocionado, o sedutor, o solteiro, o “viajante gorducho”, o farrista – e até mesmo o choque cultural de Oswald ao deixar a barba e o bigode crescerem a ponto de ser chamado de “caipira” pela mãe. Por sua vez, a segunda biógrafa parece se preocupar com as contradições e polêmicas do Oswald de Andrade, até mesmo como viajante: o “acanhado” e “ingênuo” e ao mesmo tempo o “emancipador” de costumes e da literatura.

Conclusão

A Modernidade não pode esquecer as viagens transatlânticas do início do século XX como contribuição relevante à formação da literatura do Modernismo. A Modernidade, em si, requer uma atenção com o advento das viagens marítimas de vapores, paquetes e transatlânticos por um oceano que passou a ser símbolo da era moderna. As viagens pelo Atlântico contribuem com a formação de um mundo menos distante e despido da aura do mistério.

Toda viagem não deixa de ser uma viagem de exploração em maior ou menor grau. Aos olhos de Oswald de Andrade, tal aventura atlântica representou parte de toda a sua obra, de certa maneira, embutida na memória do futuro escritor de romances. Em nenhuma das biografias estudadas há relatos de que Oswald de Andrade tenha “anotado” em caderninhos ou em qualquer tipo de papel suas impressões de viagens. Elas ficaram eternizadas em trechos de poemas e em trechos dos romances *Memórias Sentimentais de João Miramar* ou o *Serafim Ponte Grande*.

A tipologia apropriada para o poeta seria a do “poeta-viajante”, a do “turista cultural⁴” e não necessariamente a do “flâneur”. Este último termo possui a solidão

⁴ O professor Octavio Ianni (2000, p.14), elabora também uma tipologia para os viajantes no breve ensaio “A metáfora da viagem”: “Sempre há viajantes, caminhantes, viandantes, negociantes, traficantes, conquistadores,

que Oswald de Andrade recusou em sua primeira viagem à Europa. De qualquer forma, haveremos de reconhecer a ideia de que, em conformidade com Souza (1999), a burguesia foi a grande herdeira da Modernidade, não a sua causadora, algo que reforça a mais marcante das tipologias do jovem viajante: o comportamento. Parece que o Oswald continua controverso nas duas biografias comparadas. O modernista continua “aprontando” e confundindo as definições acerca do biografado.

Oswald, até por conta de sua juventude, em 1912, foi um viajante o “acanhado” e “ingênuo” e ao mesmo tempo o “emancipador” de costumes e da literatura, e acabou sendo um “caipira” em Paris (no dizer da mãe), usando bigode, com os seus 22 anos de idade. Essas contradições mostrariam um homem consciente de mudanças, mas ainda sob o controle paterno, conforme aponta Boaventura (1995, p.22).

Oswald [...] era tímido, dependente e reprimido. Essa viagem seria um meio de prepará-lo, a fim de assumir na volta os negócios da família, uma vez que Seu Andrade não via com bons olhos a projetada carreira intelectual do filho.

É outra contradição: Oswald seria preparado para os negócios do pai, mas toma outro caminho, o da sua emancipação literária e sexual. Ele retorna ao Brasil, trazendo uma namorada francesa. Sua vida amorosa com a bela Kamiá, torna-se, com o desenrolar do tempo e de certos acontecimentos, um escândalo, e o que era para ser um idílio: “[...] a tragédia se instala na casa da rua Augusta. O pai ameaça suicidar-se” (FONSECA, 1990, p.75).

Em Paris, seu temperamento “solar”, alegre, sempre acompanhado de amigos, esquiu-se do sentido pleno do *flâneur*. O que não impedia de captar a Modernidade parisiense. No fundo, são imagens de viagens e não, necessariamente de Paris que marcaram a memória do poeta no par de romances *Memórias Sentimentais de João Miramar* e *Serafim Ponte Grande*, o que só vem a confirmar a tese de Alejo Carpentier “*todo viaje es un descubrimiento para uso propio*” (CARPENTIER, 1996, p.19)⁵.

Para concluir: o “diálogo transatlântico” resulta algo mais específico, o “diálogo das cidades”, entre São Paulo e Paris. O Modernismo surge de encontros. E um deles é o da Geografia atuante, como havia de ser: “Um dos traços mais marcantes do Modernismo é sua grande amplitude geográfica, sua nacionalidade múltipla”. O que importa é esse transpor as barreiras espaciais com o apelo verbal dos idiomas: “o Modernismo [...] foi uma arte de cidades [...] políglotas [...] que [...] haviam

descobridores, turistas, missionários, peregrinos, pesquisadores ou fugitivos atravessando fronteiras, buscando o desconhecido, desvendando o exótico, inventando o outro, recriando o eu”. A essa lista, acrescentaríamos a tipologia “turista cultural”.

⁵ “toda viagem é um descobrimento para uso próprio” (CARPENTIER, 1996, p.19, tradução nossa).

adquirido [...] intensa atividade como centros de intercâmbio cultural e intelectual” (BRADBURY, 1989, p.75-76).

O “diálogo atlântico” amplia, depois, na chegada e na maturidade do Modernismo de Oswald e de seus colegas estrangeiros esse sentido plural e recíproco pelo contato. Alexandre Eulálio (2001), por exemplo, chega a defender a tese de que a produção poética mais intensa de Blaise Cendrars encontra-se justamente logo depois em que o poeta fez essas viagens pelo Brasil, principalmente a Ouro Preto, em 1924.

Por sua vez, o “Manifesto da Poesia Pau Brasil” surge também em 1924; e, talvez, da mesma viagem pela antiga Minas Gerais. Agrada-nos, e muito, essa visão de binacionalismo, e da lógica de que o Modernismo não foi a pé para os grandes centros. Houve a contribuição dos transatlânticos, levando e trazendo artistas importantes na consolidação da nova linguagem.

Há, todavia, uma lacuna enorme, a ausência da pesquisa em torno dos “transatlânticos” da época, nas primeiras décadas do século XX, uma vez que o tema das viagens é recorrente no Modernismo como uma evidência de sua própria formação: é movimento na plena acepção da palavra, porque, na sua essência, é construção do olhar viajante. Oswald realizou “doze travessias para a Europa” (FONSECA, 1982, p.86), essa rica experiência está registrada poeticamente nos romances *Memórias Sentimentais de João Miramar* e no *Serafim Ponte Grande* (ANDRADE, 1978).

CRUZ, B. The Typology of the Traveler Oswald de Andrade in 1912. **Revista de Letras**, São Paulo, v.52, n.2, p.47-57, jul./dez. 2012.

- **ABSTRACT:** *The following text is intended to construct a typology of the traveler Oswald de Andrade in his first trip to Europe in 1912. We will verify the profile of someone understanding the perceived aesthetic and economic transformations in transit between Brazil and the Old World. We want to take advantage of a significant experience of young Oswald and what that entailed, later, in his poetry and novels, Serafim Ponte Grande and Memórias Sentimentais de João Miramar. What came out of the trip aboard the ship “Martha Washington”? Ultimately we will emphasize the importance of the transoceanic voyages as an important contribution to the dialogue between cultures in distant countries, such as Brazil, France and Germany – a dialogue between their literatures, through more attractive, comfortable and safer journeys. For literary and cultural studies, these journeys will serve as a point of discussion on Modernism as a real crossing and search for the new.*
- **KEYWORDS:** *Oswald de Andrade. Modernism. Brazilian Literature. Cultural Studies.*

Referências

- ANDRADE, O. **Obras completas II**: memórias sentimentais de João Miramar, Serafim Ponte Grande. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- BENJAMIN, W. The return of the Flâneur. In _____. **Selected writings**:1927-1934. Translated by Rodney Livingstone and others. Cambridge: Harvard, 1999. v.2, p. 262-267.
- BOAVENTURA, M. E. **O salão e a selva**: uma biografia ilustrada de Oswald de Andrade. Campinas: Ed. da Unicamp, 1995.
- BRADBURY, M. Uma geografia do modernismo. In. BRADBURY, M.; MacFARLANE, J. (Org.). **Modernismo**: guia geral. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.75-82.
- CANDIDO, A. Oswald viajante. In _____. **Vários escritos**. 3.ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p.61-66.
- CARPENTIER, A. **El amor a la ciudad**. Madrid: Alfaguara, 1996.
- COELHO, T. **Dicionário crítico de política cultural**: cultura e imaginário. 2.ed. São Paulo: Iluminuras, 2005.
- EULÁLIO, A. **A aventura brasileira de Blaise Cendrars**: ensaio, cronologia, filme, depoimentos, antologia, desenhos, conferências, correspondência, traduções. 2.ed. São Paulo : Ed da USP, 2001.
- FONSECA, M. A. O corsário e o porto. In _____. **Oswald de Andrade**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 75-94. (Coleção encanto radical).
- _____. **Oswald de Andrade, 1890-1954**: biografia. São Paulo: Art: 1990.
- GINER, S.; ESPINOSA, E. L.; TORRES, C. (Ed.). **Diccionario de sociología**. Madrid: Alianza, Salvador, 1998.
- IANNI, O. A metáfora da viagem. In: _____. **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p.11-31.
- PRATT, M. L. **Os olhos do império**: relatos de viagem e transculturação. Tradução de Jézio Hernani Bonfim Gutierrez. Bauru: EDUSC, 1999.
- SOUZA, N. M. **Modernidade**: a estratégia do abismo. 2.ed. Campinas: Ed da Unicamp, 1999.

VAN DEN BERGHE, P. Tourism. In: BERNARD, A. **Encyclopedia of social & cultural anthropology**. New York : Routledge, 2002. p.551-552.

WHITE, Ed. **O Flâneur**: um passeio pelos paradoxos de Paris. Tradução de Simone Pallone. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

